

Língua Portuguesa e Literatura  
Volume 2 • Módulo 3 • Unidade 07

# Século XIX – é tempo de contar histórias!

*Ivone da Silva Rebello, Jacqueline de Faria Barros, Shirlei Campos Victorino*

## Introdução

Dando continuidade ao estudo historiográfico da Literatura, focalizaremos, nesta unidade, os estilos de época Romantismo e Realismo/Naturalismo, aproximando-os do contexto sociocultural em que se inserem. Veremos, assim, como esses movimentos contribuem para a uma nova interpretação da realidade brasileira, ao exprimirem, mais diretamente, fatos políticos, econômicos e sociais de nosso país.

Como consolidação do estado burguês, o Romantismo apregoa valores como o individualismo e o sentimentalismo, em detrimento do equilíbrio e da objetividade. Já o Realismo e o Naturalismo, ao primarem pela objetividade, pelo universalismo, pelo materialismo e pela contenção sentimental, assumem o projeto de descrever as virtudes e, principalmente, os vícios humanos.

Ampliando essa caracterização, percebemos que o Realismo se preocupou em focalizar criticamente os vários aspectos do real, como reação à perspectiva mais subjetiva e escapista dos românticos. Em seguida, essa estética incorporou uma vertente mais cientificista, que tinha como diretriz uma visão biologicista, psicopatológica e zoomórfica do mundo, reduzindo o homem à condição de animal, cujo instinto se sobrepunha à razão.

Assim, revisitando a historiografia romântica e o caráter documental dos textos realistas e naturalistas, propomos atividades que não só pontuam as características dessas estéticas como também buscam relacionar as obras a aspectos atuais.

Bom trabalho!

## Apresentação da unidade do material do aluno

Caro professor, apresentamos as características principais da unidade que trabalharemos.

Disciplina	Módulo	Unidade	Estimativa de aulas para essa unidade
Língua Portuguesa	3	7	8 aulas de 50 minutos

Titulo da unidade	Tema
Século XIX – é tempo de contar histórias!	A prosa do Romantismo e do Realismo/Naturalismo (contexto de produção, principais características, temas e obras).
Objetivos da unidade	
Identificar as características da prosa romântica.	
Reconhecer a estrutura da narrativa tradicional, a partir do Romantismo no Brasil.	
Diferenciar Romantismo de Realismo - Naturalismo.	
Analisar textos realistas e naturalistas, considerando suas características estéticas.	
Seções	Páginas no material do aluno
Pra início de conversa...	249 a 252
Seção 1 – Dê asas a sua imaginação! Em cena, a narrativa romântica!	253 a 258
Seção 2 – O homem cai na real! Em cena: o Realismo e o Naturalismo	258 a 277
Seção 3 – E, para terminar...	278

A seguir, serão oferecidas algumas atividades para potencializar o trabalho em sala de aula. Verifique, portanto, a relação entre cada seção deste documento e os conteúdos do Material do Aluno.

Você terá um amplo conjunto de possibilidades de trabalho.

Vamos lá!

# Recursos e ideias para o Professor

## Tipos de Atividades

Para dar suporte às aulas, seguem os recursos, ferramentas e ideias no Material do Professor, correspondentes à Unidade acima:



### Atividades em grupo ou individuais

São atividades que são feitas com recursos simples disponíveis.



### Ferramentas

Atividades que precisam de ferramentas disponíveis para os alunos.



### Avaliação


Questões ou propostas de avaliação conforme orientação.



### Exercícios

Proposições de exercícios complementares

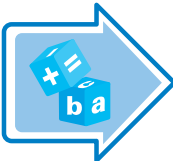

## Atividade Inicial

Tipos de Atividades	Título da Atividade	Material Necessário	Descrição Sucinta	Divisão da Turma	Tempo Estimado
	Romantismo e Realismo/Naturalismo em filmes nacionais	Data show e computador conectado à Internet (ou DVD e TV, caso o vídeo tenha sido gravado); Cópias da atividade.	Análise dos trailers dos filmes Serra Pelada e O tempo e o vento, a fim de identificar, nessas obras atuais, traços do Romantismo e do Realismo/Naturalismo.	Debate com toda a turma.	50 minutos.

## Seção 1 – Dê asas a sua imaginação! Em cena, a narrativa romântica!

Páginas no material do aluno

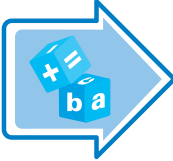
**253 a 258**

Tipos de Atividades	Título da Atividade	Material Necessário	Descrição Sucinta	Divisão da Turma	Tempo Estimado
	O romantismo em Lúcia	Cópias da atividade.	Análise de um fragmento de Lucíola, a fim de identificar traços da estética romântica.	Atividade individual.	50 minutos.
	Perfis femininos na prosa romântica	Data show e computador conectado à Internet (ou DVD e TV, caso o vídeo tenha sido gravado); Cópias da atividade.	Análise comparativa das imagens de mulher presentes nas obras Iracema e Senhora, de José de Alencar, a fim de identificar as características da prosa romântica.	A atividade pode ser desenvolvida individualmente ou em grupos de aproximadamente 04 alunos.	2 aulas de 50 minutos.

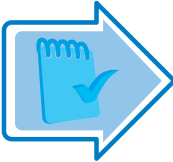
## Seção 2 – O homem cai na real! Em cena: o Realismo e o Naturalismo.

Páginas no material do aluno


**258 a 277**

Tipos de Atividades	Título da Atividade	Material Necessário	Descrição Sucinta	Divisão da Turma	Tempo Estimado
	A vida como ela é!	Cópias da atividade.	Análise de trechos dos romances Memórias Póstumas de Brás Cubas e O Mulato, a fim de identificar traços da estética realista.	A atividade pode ser desenvolvida individualmente ou em grupos de aproximadamente 04 alunos.	2 aulas de 50 minutos.

### Atividade de Avaliação

Tipos de Atividades	Título da Atividade	Material Necessário	Descrição Sucinta	Divisão da Turma	Tempo Estimado
	Romantismo x Realismo/ Naturalismo: a temática do amor e a relação entre os amantes.	Cópias da atividade.	Análise de trechos dos romances Senhora e O cortiço, a fim de os conteúdos desenvolvidos nesta unidade.	Atividade individual.	50 minutos.

## Atividade Inicial

Tipos de Atividades	Título da Atividade	Material Necessário	Descrição Sucinta	Divisão da Turma	Tempo Estimado
	Romantismo e Realismo/Naturalismo em filmes nacionais	Data show e computador conectado à Internet (ou DVD e TV, caso o vídeo tenha sido gravado); Cópias da atividade.	Análise dos trailers dos filmes Serra Pelada e O tempo e o vento, a fim de identificar, nessas obras atuais, traços do Romantismo e do Realismo/Naturalismo..	Debate com toda a turma	50 minutos.

## Aspectos operacionais

Apresente os vídeos e, em seguida, proponha a questão de análise. Corrija-a junto aos alunos.

## Aspectos pedagógicos

Antes dos vídeos, apresente, em linhas gerais, os estilos de época a serem trabalhados nesta unidade. Para tal, comente, se necessário a partir de exemplos, o quadro-síntese presente no enunciado da atividade. Após a contextualização, contextualize cada filme, sintetizando seu enredo. Proponha o debate, analisando a relação entre as obras e as principais características das estéticas literárias em destaque. Sistematize, no quadro, as conclusões construídas pelos alunos.

## Atividade

Nesta atividade, relacionaremos o *Romantismo* e o *Realismo* a filmes brasileiros atuais. Veremos como algumas produções cinematográficas – embora distantes, por mais de um século, das produções do Romantismo e do Realismo – resgatam aspectos de uma ou outra estética literária.

Assista aos trailers dos filmes que selecionamos e, em seguida, relacione-os ao Romantismo ou ao Realismo, cujas principais características foram sintetizadas neste quadro:

Romantismo	Realismo/Naturalismo
<ul style="list-style-type: none"> <li>- Nacionalismo ufanista</li> <li>- Indianismo</li> <li>- Egocentrismo</li> <li>- Idealização</li> <li>- Escapismo</li> <li>- Ascensão da burguesia</li> <li>- Valorização da moral cristã</li> <li>- Sentimentalismo</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Objetivismo</li> <li>- Ênfase nas descrições</li> <li>- Sentimentos subordinados a interesses sociais</li> <li>- Mulher não-idealizada</li> <li>- Herói problemático</li> <li>- Personagens mais complexas</li> <li>- Universalismo</li> <li>- Nas obras naturalistas: Determinismo (o meio define o homem)</li> </ul>

## FILME 1: SERRA PELADA

Os amigos Juliano e Joaquim deixam São Paulo em busca do sonho do ouro.

O ano é 1980. Os dois chegam a Floresta Amazônica como tantos outros milhares de homens chegaram. Repletos de sonhos e ilusões. Mas a vida no garimpo muda tudo. A obsessão pela riqueza e pelo poder os destrói.

Juliano se torna um gangster. Joaquim deixa todos os seus valores para trás. Uma história sobre a febre do ouro, sobre ganância e violência. Sobre uma grande amizade e seu fim.

(Sinopse disponível em: <http://www.serrapeladaofilme.com.br/#/ofilme>)



(2min e 08seg)

Disponível em: [http://www.youtube.com/watch?feature=player\\_embedded&v=COXDie8fMSk](http://www.youtube.com/watch?feature=player_embedded&v=COXDie8fMSk)



## FILME 2: O TEMPO E O VENTO

O Tempo e o Vento é baseado na maior obra do escritor Erico Verissimo. O filme conta a história da família Terra Cambará e de sua principal opositora, a família Amaral, durante 150 anos, começando nas Missões até o final do século XIX. Sob o ponto de vista da luta entre essas duas famílias, são retratadas a formação do Rio Grande do Sul, a povoação do território brasileiro e a demarcação de suas fronteiras, forjada a ferro e espada pelas lutas entre as coroas portuguesa e espanhola.

(Sinopse disponível em: <http://www.filmesdecinema.com.br/filme-o-tempo-e-o-vento-9704/>)



(2min e 46seg)

Disponível em: [http://www.youtube.com/watch?feature=player\\_detailpage&v=K\\_z1uhHdkgE](http://www.youtube.com/watch?feature=player_detailpage&v=K_z1uhHdkgE)

---

## Resposta comentada

Esta atividade introdutória visa destacar as especificidades dos estilos de época estudados na unidade: o Romantismo e o Realismo/Naturalismo. Nesse sentido, espera-se que o aluno relacione o filme *O tempo e o vento* à estética romântica e *Serra Pelada* ao Realismo/Naturalismo.

Em *O tempo e o vento*, destaca-se, antes de tudo, o *escapismo* e o *nacionalismo*, visto que a obra se passa no século XIX e narra a formação do estado Rio Grande do Sul. Paralelamente, nota-se a *idealização do herói*, representado pelo Capitão Rodrigo, e, ao mesmo tempo, o *indianismo*, na figura do índio castelhano Pedro Missioneiro. Há, ainda, a *valorização da moral cristã* a partir da caracterização das personagens centrais.

Já *Serra Pelada* é uma narrativa marcada pelo *objetivismo* – o que, inclusive, permite sua classificação como “documentário”. A *subordinação dos sentimentos a interesses sociais* pode ser observada logo na complicação do enredo:

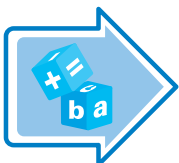


os amigos Juliano e Joaquim decidem abandonar São Paulo em busca de riqueza nos garimpos de Serra Pelada. Ao mesmo tempo, destaca-se a *não-idealização das personagens* (em especial, na figura de prostitutas e mercenários) e o *determinismo* na adequação dos personagens ao meio social: Juliano se torna um gangster, enquanto Joaquim deixa para trás os valores que sempre prezou.

## Seção 1 – Dê asas a sua imaginação! Em cena, a narrativa romântica!!

Páginas no material do aluno

253 a 258

Tipos de Atividades	Título da Atividade	Material Necessário	Descrição Sucinta	Divisão da Turma	Tempo Estimado
	O romantismo em Lúcia	Cópias da atividade..	Análise de um fragmento de <i>Lucíola</i> , a fim de identificar traços da estética romântica.	Atividade individual.	50 minutos.

## Aspectos operacionais

Apresente o texto e, em seguida, proponha as questões de análise. Corrija-as junto aos alunos.

## Aspectos pedagógicos

Leia o texto com os alunos, retomando algumas informações gerais sobre o Romantismo. Aplique as questões de interpretação, destacando algumas características próprias do Romantismo.

## Atividade

Apresentaremos, a seguir, um fragmento do romance *Lucíola*, de José de Alencar, cujo tema é a prostituição determinada por fatores familiares e sociais. Lúcia torna-se a cortesã mais famosa e cara da cidade do Rio de Janeiro, ao mesmo tempo conserva uma pureza que será resgatada pelo amor sincero de Paulo.

## LUCÍOLA – Capítulo X

— Que dizes? perguntou Sá. —Digo que ela fez o que devia. —Talvez por conselho teu?

— Afirmo-te que não sabia disto; e que soubesse, bem se importa Lúcia com os meus conselhos. Seguiu o seu próprio impulso; arrependeu-se do que fez; e te agradece a lição. Nada mais natural.

Sá olhou-me um instante:

— Somos ambos moços, Paulo; porém sou mais velho três anos de idade, e oito anos de Rio de Janeiro. A corte é um país onde se envelhece depressa; por isso não te admires se falo como um homem de cinquenta anos. Queres te divertir: é justo, é mesmo necessário; porém não tomes Lúcia ao sério.

— Não te entendo!

— Sabes que terrível coisa é uma cortesã, quando lhe vem o capricho de apaixonar-se por um homem! Agarra-se a ele como os vermes, que roem o corpo dos pássaros, e não os deixam nem mesmo depois de mortos. Como não tem amor, e não pode ter, como a sua inclinação é apenas uma paixão de cabeça e uma excitação dos sentidos, orgulho de anjo decaído mesclado de sensualidade brutal, não se importa de humilhar seu amante. Ao contrário sente um prazer novo, obrigando-o a sacrificar-lhe a honra, a dignidade, o sossego, bens que ela não possui. São seus triunfos. Fá-lo instrumento da vingança ridícula, que todas essas mulheres prosseguem surdamente contra a boa sociedade, porque não as aplaude. O seu ciúme é fome apenas; se o amante tem alguma afeição honesta, ela torna-se confiante de seus amores, encoraja-o, serve-o mesmo, para ter o gosto de mais tarde disputar a presa. Então não há excesso que não cometa. Se for necessário aviltar o homem, ela o fará, à semelhança desses torpes glutões que cospem no prato para que os outros não se animem a tocá-lo.

— Mas a que vem este sermão, Sá? As minhas relações com Lúcia não têm nada que se pareça com o teu romance; tu me conheces bem para saber que não há mulher no mundo capaz de me atar à cauda de seu vestido, ainda quando fosse para elevar-me, quanto mais para arrastar-me na lama.

— Quando essa mulher é Lúcia, o próprio José devia temer, Paulo.

— É perigosa assim? perguntei zombando.

— A mulher de Putifar foi uma pobre moça, devorada pela concupiscência, que se atirava cega e alucinada nos braços do homem, desejado. Era natural que a virtude chocada bruscamente repelisse o vício, como um corpo elástico repele outro. Essa mulher não conhecia a arte da tentação. Se ardendo em febre sensual, quando estendia a perna nua ou descobria o seio a José, tivesse a força de olhá-lo como ao cão importuno que gira em torno do festim a quem o conviva repele com o pé, não se passaria muito tempo sem que o animal exasperado se lançasse sobre o osso, que o tentava, para devorá-lo, embora soubesse que lhe atravessaria a garganta.

— Mas eu não sou José I, respondi sorrindo; e prefiro a carne que me dão, ao osso, que me recusam.

— Por isso mesmo, bebeste o primeiro trago do vinho provaste uma vez do fruto proibido. Já conheces o amor dessa mulher: é um gozo tão agudo e incisivo que não sabes se é dor ou delícia; não sabes se te revolves entre gelo ou no meio das chamas. Parece que dos seus lábios borbulham lavas em bebidas em mel; que o ligeiro buço que lhe cobre a pele acetinada se eriça, como espinhos de rosa através das pétalas macias; que o seu

dente de pérola te dilacera as carnes deixando bálsamo nas feridas. Parece enfim que essa mulher te sufoca nos seus braços, te devora e absorve para cuspir-te imediatamente e com asco nos beijos que atira-te à face!

— É verdade! disse eu lembrando-me, mas já a senti uma vez sem esse sabor agro e corrosivo.

— Porque teu paladar se vai habituando. Só conheci uma criatura assim e não era uma cortesã... Mas não se trata disto, atalhou Sá como repelindo uma recordação importuna. Quando supuseres que o tédio te invade, procurarás debalde o prazer; a mulher a mais provocante, esteja ela possessa de vinho e de amor, te parecerá morta. Eis o perigo: terás a força de resistir?

— Tu não resististe?

— Com esforço; e entretanto quando a conheci, há um ano, já tinha feito todas as minhas provas; não creio que possas dizer o mesmo.

— Mas, se Lúcia é essa mulher esquisita, insuportável e caprichosa, ela mesma se incumbirá de curar-me.

— E se eu te disse que é essa versatilidade e inconstância de humor que a torna mais excitante! Acrescenta que Lúcia tem vontade de apaixonar-se por ti.

— Oh! essa é galante! Como fizeste semelhante descoberta ?

— Esta carta! O que é que Lúcia me pode dever daquela ceia, senão o teu conhecimento?

— Eu já a conhecia.

— De vista.

— Na frase da escritura, Sá.

— Ah!

(Disponível em: <http://pt.wikisource.org/wiki/Luc%C3%ADola/X>)

## QUESTÃO 1:

Há, em *Lucíola*, a presença da sensualidade combinada com o ardor e o sofrimento próprios do Romantismo? Justifique com um trecho do texto.

## QUESTÃO 2:

O romance entre Lúcia e Paulo mostra, de um lado, a mulher que, sendo de todos, jurava não se prender a nenhum homem; e de outro, o homem em dúvida entre o amor e o preconceito. De que forma você acredita que um jovem apaixonado por uma mulher como Lúcia scandalizava a sociedade da época?

### QUESTÃO 3:

Em *Lucíola*, como a personagem Sá descreve, para Paulo, o comportamento de uma prostituta apaixonada – chamada de cortesã. E com que personagem bíblico Sá a compara? Destaque os trechos em que observamos a descrição e a comparação, respectivamente.

### QUESTÃO 4:

Leia este fragmento do romance e reflita:

sou mais velho três anos de idade, e oito anos de Rio de Janeiro. A corte é um país onde se envelhece depressa; por isso não te admires se falo como um homem de cinquenta anos. Queres te divertir: é justo, é mesmo necessário; porém não tomes Lúcia ao sério.

Neste fragmento, Sá apresenta a corte como sendo o Rio de Janeiro. O que representava a corte para a época?

---

## Respostas comentadas

### QUESTÃO 1:

Em *Lucíola*, a sensualidade e o sofrimento misturam no retrato do comportamento feminino. A mulher romântica é idealizada; mas, neste texto, também traz em si o sofrimento familiar, próprio da concepção da época, e a beleza e a sensualidade da mulher romântica, a partir de uma personagem execrada pela sociedade carioca: a prostituta. A despeito de ser uma cortesã, por circunstâncias adversas a sua vontade, Lúcia guarda, em sua alma, a pureza e a nobreza da mulher ideal retratada pelos escritores românticos.

### QUESTÃO 2:

Lúcia é uma prostituta, e Paulo um jovem burguês. Para a época, seria um escândalo esse romance. O preconceito e a desigualdade econômica são aspectos relevantes para a constituição dos grupos e das comunidades, e Paulo não faz parte do mesmo “grupo social” que Lúcia. Assim, a personagem considera-se indigna do amor de Paulo.

### QUESTÃO 3:

A descrição pode ser observada no trecho:

“Sabes que terrível coisa é uma cortesã, quando lhe vem o capricho de apaixonar-se por um homem! Agarra-se a ele como os vermes, que roem o corpo dos pássaros, e não os deixam nem mesmo depois de mortos. Como não tem amor, e não pode ter, como a sua inclinação é apenas uma paixão de cabeça e uma excitação dos sentidos, orgulho de anjo decaído mesclado de sensualidade brutal, não se importa de humilhar seu amante. Ao contrário sente um prazer novo, obrigando-o a sacrificar-lhe a honra, a dignidade, o sossego, bens que ela não possui. São seus triunfos. Fá-lo instrumento da vingança ridícula, que todas essas mulheres prosseguem surdamente contra a boa sociedade, porque não as aplaude. O seu ciúme é fome apenas; se o amante tem alguma afeição honesta, ela torna-se confidente

de seus amores, encoraja-o, serve-o mesmo, para ter o gosto de mais tarde disputar a presa. Então não há excesso que não cometa. Se for necessário aviltar o homem, ela o fará (...)"

Já a comparação está presente em:

"A mulher de Putifar foi uma pobre moça, devorada pela concupiscência, que se atirava cega e alucinada nos braços do homem, desejado. Era natural que a virtude chocada bruscamente repelisse o vício, como um corpo elástico repele outro. Essa mulher não conhecia a arte da tentação. Se ardendo em febre sensual, quando estendia a perna nua ou descobria o seio a José, tivesse a força de olhá-lo como ao cão importuno que gira em torno do festim a quem o conviva repele com o pé, não se passaria muito tempo sem que o animal exasperado se lançasse sobre o osso, que o tentava, para devorá-lo, embora soubesse que lhe atravessaria a garganta."


#### QUESTÃO 4:

A corte representava a sociedade de então, o lugar das novidades e transformações vindas da Europa, o centro dos estudos, das relações urbanas; enfim, o centro do mundo. Os encontros e as conversas mais importantes sobre arte, cultura e política se davam na corte, que representava o poder do Segundo Reinado conservador. Neste espaço, os costumes burgueses eram, portanto, evidenciados e valorizados.

### Seção 1 – Dê asas a sua imaginação! Em cena, a narrativa romântica!!

Páginas no material do aluno

253 a 258

Tipos de Atividades	Título da Atividade	Material Necessário	Descrição Sucinta	Divisão da Turma	Tempo Estimado
	Perfis femininos na prosa romântica	Data show e computador conectado à Internet (ou DVD e TV, caso o vídeo tenha sido gravado); Cópias da atividade.	Análise comparativa das imagens de mulher presentes nas obras <i>Iracema</i> e <i>Senhora</i> , de José de Alencar, a fim de identificar as características da prosa romântica.	A atividade pode ser desenvolvida individualmente ou em grupos de aproximadamente 04 alunos.	2 aulas de 50 minutos.

---

## Aspectos operacionais

Apresente os textos, proponha as questões e corrija-as junto aos alunos.

---

## Aspectos pedagógicos

Apresente o vídeo como motivação para discutir algumas peculiaridades que envolvem a figura feminina. A partir dele, discuta, brevemente, a visão do amor expressa no poema *Porque mentias?*, de Álvares de Azevedo, pertencente à segunda geração romântica. Em seguida, proponha as questões de análise, que ressaltam as características básicas desse estilo de época, observando como as imagens femininas retratadas se relacionam a mudanças sociais.

### Atividade

Assista a este trecho da novela *Essas mulheres*, transmitida pela Record, em 2005, em que a personagem declama o poema *Por que mentias?*, de Álvares de Azevedo. O poema reflete as principais características do Romantismo.

#### Trecho da novela *Essas mulheres*



(1 min e 40seg)

Disponível: <http://www.youtube.com/watch?v=shfRgd2kLfM>

Agora, passe à leitura dos fragmentos desses dois romances de José de Alencar, *Iracema* e *Senhora*, respondendo às questões referentes a cada texto.

## ROMANCE 1:

### IRACEMA – Capítulo II

*O romance foi escrito em 1865 e é considerado a mais perfeita prosa poética de nossa ficção romântica, retratando, com ardor, um nacionalismo ufanista e indianista, que marcou a construção da literatura e da cultura brasileira.*

Além, muito além daquela serra, que ainda azula no horizonte, nasceu Iracema.

Iracema, a virgem dos lábios de mel, que tinha os cabelos mais negros que a asa da graúna, e mais longos que seu talhe de palmeira.

O favo da jati não era doce como seu sorriso; nem a baunilha recendia no bosque como seu hálito perfumado.

Mais rápida que a corça selvagem, a morena virgem corria o sertão e as matas do Ipu, onde campeava sua guerreira tribo, da grande nação tabajara. O pé grácil e nu, mal roçando, alisava apenas a verde pelúcia que vestia a terra com as primeiras águas.

Um dia, ao pino do Sol, ela repousava em um claro da floresta. Banhava-lhe o corpo a sombra da oiticica, mais fresca do que o orvalho da noite. Os ramos da acácia silvestre esparziam flores sobre os úmidos cabelos. Escondidos na folhagem os pássaros ameigavam o canto.

Iracema saiu do banho: o aljôfar d'água ainda a roreja, como à doce mangaba que corou em manhã de chuva. Enquanto repousa, empluma das penas do gará as flechas de seu arco, e concerta com o sabiá da mata, pousado no galho próximo, o canto agreste.

A graciosa ará, sua companheira e amiga, brinca junto dela. Às vezes sobe aos ramos da árvore e de lá chama a virgem pelo nome; outras remexe o uru de palha matizada, onde traz a selvagem seus perfumes, os alvos fios do crautá, as agulhas da juçara com que tece a renda, e as tintas de que matiza o algodão.

Rumor suspeito quebra a doce harmonia da sesta. Ergue a virgem os olhos, que o sol não deslumbra; sua vista perturba-se.

Diante dela e todo a contemplá-la está um guerreiro estranho, se é guerreiro e não algum mau espírito da floresta. Tem nas faces o branco das areias que bordam o mar; nos olhos o azul triste das águas profundas. Ignotas

armas e tecidos ignotos cobrem-lhe o corpo.

Foi rápido, como o olhar, o gesto de Iracema. A flecha embebida no arco partiu. Gotas de sangue borbulham na face do desconhecido.



De primeiro ímpeto, a mão lesta caiu sobre a cruz da espada; mas logo sorriu. O moço guerreiro aprendeu na religião de sua mãe, onde a mulher é símbolo de ternura e amor. Sofreu mais d'alma que da ferida.

O sentimento que ele pôs nos olhos e no rosto, não o sei eu. Porém a virgem lançou de si o arco e a uiracaba, e correu para o guerreiro, sentida da mágoa que causara. A mão que rápida ferira, estancou mais rápida e compassiva o sangue que gotejava. Depois Iracema quebrou a flecha homicida: deu a haste ao desconhecido, guardando consigo a ponta farpada.

O guerreiro falou:

— Quebras comigo a flecha da paz?

— Quem te ensinou, guerreiro branco, a linguagem de meus irmãos? Onde vieste a estas matas, que nunca viram outro guerreiro como tu?

— Venho de bem longe, filha das florestas. Venho das terras que teus irmãos já possuíram, e hoje têm os meus.

— Bem-vindo seja o estrangeiro aos campos dos tabajaras, senhores das aldeias, e à cabana de Araquém, pai de Iracema.

(Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/ResultadoPesquisaObraForm.do>)

## QUESTÕES SOBRE IRACEMA:

1. O texto é narrado em 1ª ou 3ª pessoa. Justifique com uma passagem do texto.
2. Porque podemos dizer que a descrição de Iracema caracteriza uma típica personagem romântica? Como o autor a descreve?
3. Há uma relação bastante próxima entre Iracema e a natureza. Como José de Alencar constrói essa referencialidade. Por quê?
4. Transcreva alguns trechos que ratifiquem a exaltação da natureza pátria.
5. Como se dá o encontro de Iracema e Martim? Que aspectos culturais são explorados pelo autor?
6. O encontro dos jovens é permeado por sentimentos e emoções, aos moldes do ideal romântico, ou segue uma linha mais realista?
7. Como Alencar retrata a posição da mulher indígena na época da colonização brasileira? É possível perceber uma relação desigual entre indígena e colonizador.
8. Leila a canção de Chico Buarque, *Iracema voou*, que foi inspirada no romance de José de Alencar. Que papel representa Iracema nos dois textos?

*Iracema voou  
Para a América  
Leva roupa de lã  
E anda lépida  
Vê um filme de quando em vez  
Não domina o idioma inglês  
Lava chão numa casa de chá  
Tem saído ao luar  
Com um mímico  
Ambiciona estudar  
Canto lírico  
Não dá mole pra polícia  
Se puder, vai ficando por lá  
Tem saudade do Ceará  
Mas não muita  
Uns dias, afoita  
Me liga a cobrar  
É Iracema da América  
(Disponível em: <http://letras.mus.br/chico-buarque/45137/>)*

## **ROMANCE 2:**

### **SENHORA**

*O romance, escrito em 1875, é visto como uma obra-prima da literatura brasileira. Embora apresente características bem definidas, de cunho romântico, essa obra inaugura uma temática realista, ao voltar o olhar para a crítica ao casamento burguês, sendo considerada precursora do Realismo.*

*Classificada como uma obra que retrata “perfis de mulher”, a narrativa discute o papel da mulher na sociedade brasileira, bastante inovador para o século XIX. Aurélia é a protagonista do romance, uma jovem mulher dividida entre o amor e o ódio, o desejo e a repulsa pelo homem que a desprezara desprezado devido a sua condição social.*

(Adaptado de: <http://portaldoprofessor.mec.gov.br/fichaTecnicaAula.html?aula=9290>)

### **Capítulo I**

Há anos raiou no céu fluminense uma nova estrela.

Desde o momento de sua ascensão ninguém lhe disputou o cetro; foi proclamada a rainha dos salões.

Tornou-se a deusa dos bailes; a musa dos poetas e o ídolo dos noivos em disponibilidade.

Era rica e formosa.

Duas opulências, que se realçam como a flor em vaso de alabastro; dois esplendores que se refletem, como o raio de sol no prisma do diamante.

Quem não se recorda da Aurélia Camargo, que atravessou o firmamento da Corte como brilhante meteoro, e apagou-se de repente no meio do deslumbramento que produzira o seu fulgor?

Tinha ela dezoito anos quando apareceu a primeira vez na sociedade. Não a conheciam; e logo buscaram todos com avidez informações acerca da grande novidade do dia.

Dizia-se muita coisa que não repetirei agora, pois a seu tempo saberemos a verdade, sem os comentários malévolos de que usam vesti-la os noveleiros.

Aurélia era órfã; e tinha em sua companhia uma velha parenta, viúva, D. Firmina Mascarenhas, que sempre a acompanhava na sociedade. Mas essa parenta não passava de mãe de encomenda, para condescender com os escrúpulos da sociedade brasileira, que naquele tempo não tinha admitido ainda certa emancipação feminina.

Guardando com a viúva as deferências devidas à idade, a moça não declinava um instante do firme propósito de governar sua casa e dirigir suas ações como entendesse.

Constava também que Aurélia tinha um tutor; mas essa entidade desconhecida, a julgar pelo caráter da pupila, não devia exercer maior influência em sua vontade, do que a velha parenta.

A convicção geral era que o futuro da moça dependia exclusivamente de suas inclinações ou de seu capricho; e por isso todas as adorações se iam prostrar aos próprios pés do ídolo.

Assaltada por uma turba de pretendentes que a disputavam como o prêmio da vitória, Aurélia, com sagacidade admirável em sua idade, avaliou da situação difícil em que se achava, e dos perigos que a ameaçavam.

Daí provinha talvez a expressão cheia de desdém e um certo ar provocador, que eriçavam a sua beleza aliás tão correta e cinzelada para a meiga e serena expansão d'alma.

## Capítulo IV

Quem observasse Aurélia naquele momento, não deixaria de notar a nova fisionomia que tomara o seu belo semblante e que influía em toda a sua pessoa.

Era uma expressão fria, pausada, inflexível, que jaspeava sua beleza, dando-lhe quase a gelidez da estátua. Mas no lampejo de seus grandes olhos pardos brilhavam as irradiações da inteligência. Operava-se nela uma revolução. O princípio vital da mulher abandonava seu foco natural, o coração, para concentrar-se no cérebro, onde residem as faculdades especulativas do homem.

Nessas ocasiões seu espírito adquiria tal lucidez que fazia correr um calafrio pela medula do Lemos, apesar do lombo maciço de que a natureza havia forrado no roliço velhinho o tronco do sistema nervoso.

Era realmente para causar pasmo aos estranhos e susto a um tutor, a perspicácia com que essa moça de dezoito anos apreciava as questões mais complicadas; o perfeito conhecimento que mostrava dos negócios, e a facilidade com que fazia, muitas vezes de memória, qualquer operação aritmética por muito difícil e intrincada que fosse.

Não havia porém em Aurélia nem sombra do ridículo pedantismo de certas moças que, tendo colhido em leituras superficiais algumas noções vagas, se metem a tagarelar de tudo.

Bem ao contrário, ela recitava sua experiência, de que só fazia uso, quando o exigiam seus próprios interesses. Fora daí ninguém lhe ouvia falar de negócios e emitir opinião acerca de cousas que não pertencessem à sua especialidade de moça solteira.

(Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/ResultadoPesquisaObraForm.do>)

## QUESTÕES SOBRE SENHORA:

1. Identifique traços de idealização romântica na personagem Aurélia.
2. Embora romântica, José de Alencar retrata uma mulher fora dos padrões morais e dos costumes da época. Qual seria o objetivo do autor?
3. A degradação das pessoas devido à ganância, ao poder do dinheiro, é uma tema explícito nessa obra. Como se contrapõe a descrição de Aurélia em relação aos pretendentes que desejam se casar com ela?
4. Que passagem, no capítulo IV, aponta para uma atitude tipicamente feminista da protagonista, problematizando a dualidade “emoção” *versus* “razão”; “subjetividade” *versus* “objetividade”?
5. Leia o fragmento abaixo:

Aurélia era órfã; e tinha em sua companhia uma velha parenta, viúva, D. Firmina Mascarenhas, que sempre a acompanhava na sociedade. Mas essa parenta não passava de mãe de encomenda, para condescender com os escrúpulos da sociedade brasileira, que naquele tempo não tinha admitido ainda certa emancipação feminina.

Que aspectos comportamentais estão implícitos nesse trecho que apontam ora para a manutenção da idealização da mulher ora para a sua emancipação?

6. Considerando a obra como um todo, assinale a alternativa que não condiz com o enredo do romance:
  - (a) O casamento é apresentado como uma transação comercial. O romance estrutura-se em quatro partes: preço, quitação, posse, resgate.
  - (b) Aurélia Camargo, preterida por Fernando Seixas, o compra através de um dote e ele se sujeita ao domínio dela por interesse.
  - (c) O casamento é só de fachada e a união não se consuma, resultando em um acordo no qual as aparências sociais devem ser mantidas.
  - (d) A narrativa marca-se pelo choque entre o mundo do amor idealizado e o mundo da experiência degradante governado pelo dinheiro.
  - (e) O romance gira em torno de intrigas amorosas, de desigualdade econômica, mas, com final feliz, porque, nele, o amor tudo vence.
7. Como o autor nessa obra tematiza a criação da identidade nacional brasileira?

### QUESTÕES SOBRE IRACEMA:

1. O texto é narrado em 3ª pessoa, como se pode ver na transcrição abaixo a partir do uso dos verbos no passado:

“Além, muito além daquela serra, que ainda azula no horizonte, nasceu Iracema. [...] Iracema, a virgem dos lábios de mel, que tinha os cabelos mais negros que a asa da graúna, e mais longos que seu talhe de palmeira”.

2. Iracema é uma típica personagem romântica porque é altamente idealizada, sendo descrita como “virgem dos lábios de mel”, “sorriso doce”, “hálito perfumado”, “pé grácil e nu” etc.
3. A relação entre a personagem e a natureza é tão próxima que há uma comunhão entre o comportamento de Iracema com algumas aves brasileiras, tendo-as, inclusive como amiga. Exemplo: “concerta com o sabiá da mata”, “canto agreste”, “graciosa ará, sua companheira e amiga” etc. O autor apresenta Iracema como herói/nativo brasileiro por excelência, que se integra com o meio natural e os elementos tropicais, marcando a cor local e a fauna/flora do Brasil.

4. Dentre os trechos que exaltam a natureza pátria, destacam-se:

“Iracema, a virgem dos lábios de mel, que tinha os cabelos mais negros que a asa da graúna, e mais longos que seu talhe de palmeira”.

“O favo da jati não era doce como seu sorriso; nem a baunilha recendia no bosque como seu hálito perfumado”.

“Mais rápida que a corça selvagem, a morena virgem corria o sertão e as matas do Ipu”

“Um dia, ao pino do Sol, ela repousava em um claro da floresta. Banhava-lhe o corpo a sombra da oiticica, mais fresca do que o orvalho da noite”.

“Iracema saiu do banho: o aljôfar d’água ainda a roreja, como à doce mangaba que corou em manhã de chuva”

5. O encontro de Iracema e Martim, a princípio tenso e violento, marca uma diferença quanto ao olhar que se tem para as duas culturas, as quais estabelecem padrões distintos do que se entende como “civilização”. Iracema, por instinto, lança uma flecha contra Martim; ele age racionalmente, refreando o impulso de revidar, ainda mais em se tratando de uma figura feminina. Tem-se, portanto, uma dualidade nesses comportamentos: bravura e coragem instintiva dos indígenas *versus* racionalidade, ética e polidez, próprios de sociedades civilizadas/europeias.
6. O encontro dos jovens é totalmente romântico, uma vez que o estranhamento inicial e o princípio de luta se perdem, dando lugar a uma rápida identificação sentimental de ternura e amor.
7. Percebe-se que a mulher indígena, ao se curvar perante o jovem Martim, demonstra uma atitude servil, quebrando, imediatamente, a resistência inicial ao europeu. No processo de colonização, cabe à mulher indígena gerar filhos que, geralmente, seriam educados via cultura paterna.

8. No romance indianista de José de Alencar, Iracema aparece como uma jovem guerreira, filha do pajé; logo, guardiã dos segredos da tribo. Já na canção de Chico Buarque, Iracema é uma imigrante que vai para a América em busca de melhores condições. Trabalhando como faxineira, ela planeja estudar e “não dá mole pra polícia” – o que denota uma postura de crítica e reflexiva sobre a vida.

### QUESTÕES SOBRE SENHORA:

1. Aurélia é comparada a uma estrela, além de ser idealizada como rainha, deusa, e musa.
2. O autor objetiva retratar as relações hipócritas que a vida em sociedade impõe, destacando as aparências, a ganância e o luxo, com particular atenção ao papel subalterno que a mulher possuía naquela sociedade. Por isso, a construção de uma personagem que foge aos padrões previstos para a época.

É importante comentar que José de Alencar não destoa do Romantismo em voga, uma vez que a sua visão de mundo se baseia na emoção e no sofrimento. Além disso, o mundo urbano, com seus problemas políticos e econômicos, ainda é descrito com uma aura de contemplação, que aponta para uma fuga, para interior dos espaços da “alcova” e para uma volta ao passado.

3. Aurélia é descrita como uma jovem voluntariosa cuja beleza física e gênio perspicaz lhe permitem identificar e caracterizar as pessoas/prestidigitantes que se aproximam dela, geralmente, pelo interesse.
4. A passagem, no capítulo IV, que aponta para uma atitude tipicamente feminista da protagonista é:

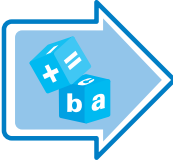
“Era uma expressão fria, pausada, inflexível, que jaspeava sua beleza, dando-lhe quase a gelidez da estátua. Mas no lampejo de seus grandes olhos pardos brilhavam as irradiações da inteligência. Operava-se nela uma revolução. O princípio vital da mulher abandonava seu foco natural, o coração, para concentrar-se no cérebro, onde residem as faculdades especulativas do homem”.

5. No Brasil do século XIX, uma jovem não podia frequentar sozinha um baile, sem a companhia de sua mãe. Como símbolo da emancipação feminina, mas inserida na aristocracia de uma sociedade preconceituosa, a personagem alterna comportamentos racionais e lúcidos com atitudes dóceis e recatadas.
6. **Resposta: Letra (C).** O enredo do romance critica o uso do dote, que regia os casamentos da época, resultando, muitas vezes, em casamentos de aparência. No entanto, nesse romance, ocorre a redenção por amor; e o casal protagonista tem um final feliz.
7. Por se tratar de um romance urbano, dando ênfase à vida citadina, o autor retrata os costumes e os modos de vida na cidade, carregando na descrição das personagens quanto ao tipo de roupa, ambiente, modos de fala etc. em detrimento do meio rural.

## Seção 2 – O homem cai na real! Em cena: o Realismo e o Naturalismo.

Páginas no material do aluno

258 a 277

Tipos de Atividades	Título da Atividade	Material Necessário	Descrição Sucinta	Divisão da Turma	Tempo Estimado
	A vida como ela é!	Cópias da atividade.	Análise de trechos dos romances <i>Memórias Póstumas de Brás Cubas</i> e <i>O Mulato</i> , a fim de identificar traços da estética realista.	A atividade pode ser desenvolvida individualmente ou em grupos de aproximadamente 04 alunos.	2 aulas de 50 minutos.

### Aspectos operacionais

Apresente os textos, proponha as questões e corrija-as junto aos alunos.

### Aspectos pedagógicos

Proponha as questões de análise, que ressaltam as características básicas desse estilo de época, observando a oposição à subjetividade e às idealizações românticas.

### Atividade

Na segunda metade do século XIX, surge o Realismo, um estilo literário que se opõe ao egocentrismo, à subjetividade e à fuga da realidade, características tipicamente românticas. Um exemplo disso é a obra *Memórias póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis, em que o “defunto autor” Brás Cubas explica sua própria morte e reflete sobre vários episódios de sua vida. Ao mesmo tempo em que mostra sua realidade pessoal, o narrador deixa ver uma abordagem crítica do contexto social e histórico anterior à abolição da escravidão. Segue abaixo o capítulo “A herança”, fragmento em que o autor apresenta o jogo de interesses em família após a morte do pai.



## ROMANCE 1:

### MEMÓRIAS PÓSTUMAS DE BRÁS CUBAS

#### A HERANÇA

Veja-nos agora o leitor, oito dias depois da morte de meu pai, minha irmã sentada num sofá, — pouco adiante, o Cotrim, de pé, encostado a um **consolo**, com os braços cruzados e a morder o bigode, — eu a passear de um lado para outro, com os olhos no chão. Luto pesado. Profundo silêncio.

— Mas afinal, disse Cotrim; esta casa pouco mais pode valer de trinta contos; demos que valha trinta e cinco...

— Vale cinquenta, ponderei; Sabina sabe que custou cinquenta e oito...

— Podia custar até sessenta, tomou Cotrim; mas não se segue que os valesse, e menos ainda que os valha hoje. Você sabe que as casas, aqui há anos, baixaram muito. Olhe, se esta vale os cinquenta contos, quantos não vale a que você deseja para si, a do Campo?

— Não fale nisso! Uma casa velha.

— Velha! exclamou Sabina, levantando as mãos ao **tecto**.

— Parece-lhe nova, aposto?

— Ora, mano, deixe-se dessas **cousas**, disse Sabina, erguendo-se do sofá; podemos arranjar tudo em boa amizade, e com **lisura**. Por exemplo, Cotrim não aceita os pretos, quer só o boleeiro de papai e o Paulo...

— O boleeiro não, acudi eu; fico com a **sege** e não hei de ir comprar outro.

— Bem; fico com o Paulo e o Prudêncio.

— O Prudêncio está livre.

— Livre?

— Há **dous** anos.

— Livre? Como seu pai arranjava estas **cousas** cá por casa, sem dar parte a ninguém! Está direito. Quanto à prata... creio que não libertou a prata?

Tínhamos falado na prata, a velha prataria do tempo de Dom José I, a porção mais grave da herança, já pelo **lavor**, já pela **vetustez**, já pela origem da propriedade; dizia meu pai que o Conde da Cunha, quando vice-rei do Brasil, a dera de presente a meu bisavô Luís Cubas.

— Quanto à prata, continuou o Cotrim, eu não faria questão nenhuma, se não fosse o desejo que sua irmã tem de ficar com ela; e acho-lhe razão. Sabina é casada, e precisa de uma copa digna, apresentável. Você é solteiro, não recebe, não...

— Mas posso casar.

— Para quê? interrompeu Sabina.

Era tão sublime esta pergunta, que por alguns instantes me fez esquecer os interesses. Sorri; peguei na mão de Sabina, bati-lhe levemente na palma, tudo isso com tão boa sombra, que o Cotrim interpretou o gesto como de **aquiescência**, e agradeceu-o.

— Que é lá? **redargui**; não cedi **cousa** nenhuma, nem cedo.

— Nem cede?

Abanei a cabeça.

— Deixa, Cotrim, disse minha irmã ao marido; vê se ele quer ficar também com a nossa roupa do corpo, é só o que falta.

— Não falta mais nada. Quer a **sege**, quer o **boleeiro**, quer a prata, quer tudo. Olhe, é muito mais **sumário** citar-nos a juízo e provar com testemunhas que Sabina não é sua irmã, que eu não sou seu cunhado, e que Deus não é Deus. Faça isto, e não perde nada, nem uma colherinha. Ora, meu amigo, outro **ofício**!

Estava tão agastado, e eu não menos, que entendi oferecer um meio de conciliação; dividir a prata. Riu-se e perguntou-me a quem caberia o bule e a quem o açucareiro; e depois desta pergunta, declarou que teríamos tempo de **liquidar** a pretensão, quando menos em juízo. Entretanto, Sabina fora até a janela que dava para a chácara, — e depois de um instante, voltou, e propôs ceder o Paulo e outro preto, com a condição de ficar com a prata; eu ia dizer que não me convinha, mas o Cotrim adiantou-se e disse a mesma **cousa**.

— Isso nunca! não faço esmolos! disse ele.

Jantamos tristes. Meu tio **cônego** apareceu à sobremesa, e ainda presenciou uma pequena **altercação**.

— Meus filhos, disse ele, lembrem-se que meu irmão deixou um pão bem grande para ser repartido por todos.

Mas Cotrim:

— Creio, creio. A questão, porém, não é de pão, é de manteiga. Pão seco é que eu não engulo.

Fizeram-se finalmente as partilhas, mas nós estávamos brigados. E digo-lhes que, ainda assim, custou-me muito a brigar com Sabina. Éramos tão amigos! Jogos pueris, fúrias de crianças, risos e tristezas da idade adulta, dividimos muita vez esse pão da alegria e da miséria, irmãmente, como bons irmãos que éramos. Mas estávamos brigados. Tal qual a beleza de Marcela, que se esvaiu com as bexigas.

(ASSIS, Machado de. **Memórias Póstumas de Brás Cubas**. Rio de Janeiro: Rovelte, 2008, p. 72-74. Texto adaptado.)

## VOCABULÁRIO:

**Altercação:** bate-boca, contestação.

**Aquiescência:** consentimento.

**Boleeiro:** pessoa que dirige as carruagens, cocheiro.

**Cônego:** Clérigo que é membro de um cabido, e ao qual impendem obrigações religiosas em uma sé ou colegiada.

**Consolo:** móvel de sala.

**Cousa:** coisa.

**Dous:** dois.

**Lavor:** trabalho manual, ornado em relevo.

**Liquidar:** resolver questão.

**Lisura:** falta de dinheiro.

**Ofício:** obrigação, incumbência, dever.

**Redargui:** respondeu, revidou.

**Sege:** Antiga carruagem com duas rodas e um só assento, fechada com cortinas na frente.

**Sumário:** resumido, breve, simples.

**Tecto:** teto.

**Vetustez:** característica de muito velho.

## QUESTÕES SOBRE MEMÓRIAS PÓSTUMAS DE BRÁS CUBAS:

No capítulo “A herança”, Machado de Assis descreve, de uma maneira crítica e irônica, o comportamento de Brás Cubas, o modo de agir da irmã Sabina e do cunhado Cotrim perante a partilha da herança de seu pai, trazendo à tona olhares de cobiça, de ganância, de competição e de interesse por um bem material. Além disso, há um tom de crítica à escravidão, revelado pelas atitudes dos personagens a respeito dos negros Paulo e Prudêncio. Diante disso, responda:

8. Explique o interesse de Sabina e Cotrim pela prataria da família. Como explicar a atitude de ambos diante da partilha dos bens, especialmente de Sabina em relação ao seu irmão, Brás Cubas, e à sociedade burguesa da qual faz parte?
9. Explique os parágrafos do texto que mostram como Brás Cubas, Sabina e Cotrim se referem aos negros Paulo e Prudêncio. Qual a importância dessa descrição em um momento bastante peculiar para o Brasil em que o tráfico negreiro tinha sido extinto e a Abolição da escravatura era iminente?
10. Como o capítulo “A herança” exemplifica algumas das características realistas que estudamos ao longo da unidade?

## ROMANCE 2:

### O MULATO – Capítulo 12

(...) E Raimundo antejugava perfeitamente que aquele empenho de Manuel em negar-lhe a filha, longe de **arredá-la** do seu amor, mais e mais o empurrava para ela, ligando-a para sempre ao seu destino.

— Terá sua filha alguma secreta **enfermidade**, que levasse o médico a proibir-lhe o casamento? Terá algum defeito **orgânico**?...

— Oh! Com efeito! O senhor tortura-me com as suas perguntas!... Creia que, se eu pudesse dizer-lhe a causa de minha recusa, tê-lo-ia feito desde logo! Oh! Raimundo não pôde conter-se e **disparatou**, fazendo **estacar** o seu cavalo.

— Mas o senhor deve compreender a minha insistência! Não se diz assim, sem mais nem menos, a um homem que vem, legítima e conscienciosamente, pedir a mão de uma senhora, que a isso o autorizou. Não lha dou, porque não quero! Por que não quer?! Porque não! Não posso dizer o motivo!... É boa! Tal recusa significa uma ofensa direta a quem faz o pedido! Foi uma **afronta** à minha dignidade. O senhor há de concordar que me deve uma resposta, seja qual for! Uma desculpa! Uma mentira, muito embora! Mas, com todos os diabos! É necessária uma razão qualquer!

— É justo, mas...

— Se me dissesse: Oponho-me ao casamento, porque antipatizo solenemente com o seu caráter. Sim senhor! Não seria uma razão **plausível**, mas estaria no seu direito de pai, mas o senhor...

— Perdão! Eu não podia dizer semelhante coisa, depois de o haver elogiado por várias vezes, e ter-me declarado, como repito, seu amigo e seu apreciador...

— Mas então?! Se é meu amigo, que diabo! Diga-me a razão com franqueza! Tire-me, por uma vez, deste maldito inferno da dúvida! Declare-me o segredo da sua recusa, seja qual for, ainda que uma revelação esmagadora! Estou disposto a aceitar tudo, tudo! Menos o mistério, que esse tem sido o tormento da minha vida! Vamos, fale! Suplico-lhe por... aquele que caiu assassinado!- E apontou na direção da cruz. Era seu irmão e dizem que meu pai... Pois bem, peço-lhe por ele que me fale com franqueza! Se sabe alguma coisa dos meus antepassados e do meu nascimento, conte-me tudo! Juro-lhe que lhe ficarei reconhecido por isso! Ou, quem sabe? Serei tão desprezível a seus olhos, que nem sequer lhe mereça tão miserável prova de confiança?...

— Não! Não! Ao contrário, meu amigo! Eu até levaria muito em gosto o seu casamento com a minha filha, no caso de que isso tivesse lugar!... E só peço a Deus que lhe depare a ela um marido possuidor das suas boas qualidades e do seu saber; creia, porém, que eu, como bom pai, não devo, de forma alguma, consentir em semelhante união. Cometeria um crime se assim procedesse!...

— Com certeza há parentesco de irmão entre ela e eu!

— Repare que me está ofendendo...

— Pois defenda-se, declarando tudo por uma vez!

— E o senhor promete não se revoltar com o que eu disser?...

— Juro. Fale!

Manuel sacudiu os ombros e resmungou depois, em ar de confiança:

— Recusei-lhe a mão de minha filha, porque o senhor é... é filho de uma escrava...

— Eu?!

— O senhor é um homem de cor!... Infelizmente esta é a verdade...

Raimundo tornou-se lívido. Manuel prosseguiu, no fim de um silêncio:

— Já vê o amigo que não é por mim que lhe recusei Ana Rosa, mas é por tudo! A família de minha mulher sempre foi muito escrupulosa a esse respeito, e como ela é toda a sociedade do Maranhão! Concordo que seja uma asneira; concordo que seja um prejuízo tolo! O senhor, porém, não imagina o que é por cá a prevenção contra os mulatos!... Nunca me perdoariam um tal casamento; além do que, para realizá-lo, teria que quebrar a promessa que fiz a minha sogra, de não dar a neta senão a um branco de lei, português ou descendente direto de portugueses!... O senhor é um moço muito digno, muito merecedor de consideração, mas... foi forro à pia, e aqui ninguém o ignora.

— Eu nasci escravo?!...

— Sim, pesa-me dizê-lo e não o faria se a isso não fosse constrangido, mas o senhor é filho de uma escrava e nasceu também cativo.

Raimundo abaixou a cabeça. Continuaram a viagem. E ali no campo, à sombra daquelas árvores **colossais**, por onde a Lua se filtrava tristemente, ia Manuel narrando a vida do irmão com a preta Domingas. Quando, em algum ponto **hesitava** por delicadeza em dizer toda a verdade, o outro pedia-lhe que prosseguisse francamente, guardando na aparência uma tranquilidade fingida. O negociante contou tudo o que sabia.

— Mas que fim levou minha mãe?... a minha verdadeira mãe? Perguntou o rapaz, quando aquele terminou. Mataram-na? Venderam-na? O que fizeram dela?

— Nada disso; soube ainda há pouco que está viva... É aquela pobre idiota de São Brás.

(...)

— Mulato!

Esta só palavra explicava-lhe agora todos os mesquinhos escrúpulos, que a sociedade do Maranhão usara para com ele. Explicava tudo: a frieza de certas famílias a quem visitara; a conversa cortada no momento em que Raimundo se aproximava; as reticências dos que lhe falavam sobre os seus antepassados; a reserva e a cautela dos que, em sua presença, discutiam questões de raça e de sangue; a razão pela qual D. Amância lhe oferecera um espelho e lhe dissera: Ora mire-se! a razão pela qual, diante dele, chamavam de meninos aos moleques da rua. Aquela simples palavra dava-lhe tudo o que ele até aí desejara e negava-lhe tudo ao mesmo tempo, aquela palavra maldita dissolvia as suas dúvidas, justificava o seu passado; mas retirava-lhe a esperança de ser feliz, arrancava-lhe a pátria e a futura família; aquela palavra dizia-lhe brutalmente: Aqui, desgraçado, nesta miserável terra em que nasceste, só poderás amar uma negra da tua laia! Tua mãe, lembra-te bem, foi escrava! E tu também o foste!

(AZEVEDO, Aluísio. **O mulato**. Disponível em: <http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/omulato.pdf>. Acesso em: 10/02/2013. p. 203-207.)

## VOCABULÁRIO:

**Afronta:** injúria.

**Arredá-la:** afastá-la.

**Colossais:** enormes.

**Disparatou:** desvairou-se.

**Enfermidade:** doença.

**Estacar:** fazendo parar, tornar imóvel.

**Hesitava:** estava incerto ou perplexo a respeito do que se há de dizer ou fazer.

**Orgânico:** diz-se da doença em que a perturbação funcional se origina de uma lesão dos órgãos.

**Plausível:** aceitável.

## QUESTÕES SOBRE O MULATO:

No fragmento acima, retirado do romance naturalista “O mulato”, de Aluísio Azevedo, o pai da noiva reage contra o casamento de Raimundo e Ana Rosa, tendo em vista os padrões comportamentais impostos pela época. Diante disso, responda:

1. Manuel Pescada se recusa a conceder a mão de Ana Rosa a Raimundo. Qual foi o motivo dessa rejeição?
2. O que essa atitude problematiza e qual o impacto que tem na vida de Raimundo?
3. Como Manuel Pescada expõe a posição contrária ao casamento entre Raimundo e Ana Rosa? E o que isso diz sobre a sociedade da época?
4. Que aspectos do texto apresentado o inserem no bojo das típicas narrativas naturalistas do século XIX? Caracterize esse momento em oposição à ideologia romântica.

---

## Respostas comentadas

## QUESTÕES SOBRE MEMÓRIAS PÓSTUMAS DE BRÁS CUBAS:

1. A prataria representa um legado de família que passa do Conde para o bisavô, o avô, o pai e, posteriormente, para os filhos. Quanto mais antigo, mais esse bem era valorizado, daí o interesse de Sabina e seu marido por ela para manter o *status* social de filha rica e genro de um senhor de terras. Essa disputa mostra a valorização de um bem material como índice social, o que serve de denúncia do mundo burguês das aparências, no qual a ostentação de riqueza e prestígio é o mais importante.
2. Além disso, a rede de negociações entre as personagens para tomar a posse desses utensílios de copa também tem a ver com a importância do casamento nessa sociedade, como é possível perceber no diálogo que

travam Sabina, Brás Cubas e Cotrim sobre a preferência dada a quem é casado em detrimento de quem é solteiro, conforme se vê no fragmento abaixo: “Sabina é casada, e precisa de uma copa digna, apresentável”.

3. Paulo e Prudêncio, adjetivados como “os pretos”, em franca atitude racista e preconceituosa, são vistos como mercadorias, logo, negociáveis na partilhados bens. Nessa sociedade escravocrata, controlada pelos grandes senhores de terras, o negro ainda visto como coisa, como objeto, discutido como parte da herança às portas da abolição da escravatura que se daria em 1889.
4. É interessante aprofundar a discussão em torno da abolição da escravidão que permeou a vida intelectual na segunda metade do século XIX. A Lei Áurea, proclamada em 13 de maio de 1888, proibiu qualquer tipo de trabalho escravo no Brasil e este foi o penúltimo país da América a extinguir a escravidão. A reação de Sabina e de seu marido quando descobrem que Prudêncio fora liberto é de incredulidade, uma vez que não partilhavam dos ideais liberalistas, abolicionistas e republicanos.
5. Em “A herança” percebe-se claramente a estética realista, uma vez que não há idealizações, exageros românticos na expressão de sentimentos, mas sim uma apresentação crítica de uma sociedade que ainda vivia o período da escravidão. O capítulo mostra personagens negras concebidas como mercadorias de troca, reduzidas à condição de objetos partilhadas entre herdeiros. O comportamento dos personagens Sabina e Cotrim revela uma postura arcaica face aos primeiros debates abolicionistas. Contudo, o casal reflete os interesses de manutenção de sua posição social privilegiada o que, portanto, é totalmente coerente. É essa postura que explica a insistência na disputa pelo jogo de prata e a surpresa ao descobrir a libertação de um escravo, o que na prática significava abrir mão de um valioso bem material.

## QUESTÕES SOBRE O MULATO:

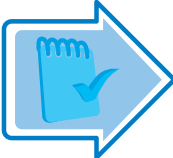
1. O motivo da rejeição era o fato de Raimundo ter nascido escravo e ser um “homem de cor”, mulato.
2. A atitude do pai de Ana Rosa põe em discussão o preconceito racial, uma vez que a visão da sociedade a respeito do negro foi decisiva para o destino do protagonista, impedido de se casar com seu grande amor. Raimundo passa a fazer uma revisão de sua vida, encontrando a resposta para todos os momentos em que se sentiu desconfortável e recebendo um tratamento frio e diferenciado da sociedade maranhense.
3. Manuel Pescada tenta suavizar tal recusa, recorrendo à família da mulher que caracteriza como muita escrupulosa, que jamais permitiria a união entre uma branca e um mulato (ainda mais sendo “forro à pia”, isto é, recebendo liberdade somente no momento do batismo). Essa atitude confirma o caráter racista da sociedade do Maranhão, que considerava como pessoas distintas os portugueses ou descendentes de portugueses; denota, pois, a permanência dos ideais colonialistas na sociedade brasileira do século XIX.

É importante perceber que, na época em que foi escrita essa narrativa, a ideia de inferioridade de grupos étnicos, como negros e indígenas, era legitimada pelas teorias raciais do século XIX – as quais se apresentaram como discurso científico da suposta superioridade de uma raça sobre a outra. Isso foi usado como mito para sujeitar e humilhar determinados grupos e justificar a exploração socioeconômica de um povo sobre outro.



4. A obra naturalista é comprometida com a ótica cientificista da época, que tinha uma perspectiva biológica do mundo, reduzindo o homem à condição de animal. Ao narrar a impossibilidade de relacionamento amoroso entre um jovem mulato e uma moça branca, devido ao preconceito racial, e ao tematizar a condição de classes sociais mais pobres, vistas como degradantes e marginais, instaura-se uma reação ao idealismo romântico, uma vez que as personagens são envolvidas em espaços corrompidos social e moralmente. O retrato do coletivo aponta para a caracterização do “romance de tese”, que enfatiza os aspectos primitivos dos seres humanos.

### Atividade de Avaliação

Tipos de Atividades	Título da Atividade	Material Necessário	Descrição Sucinta	Divisão da Turma	Tempo Estimado
	Romantismo x Realismo/Naturalismo: a temática do amor e a relação entre os amantes.	Cópias da atividade.	Análise de trechos dos romances <i>Senhora</i> e <i>O cortiço</i> , a fim de os conteúdos desenvolvidos nesta unidade.	Atividade individual.	50 minutos.

### Aspectos operacionais

Apresente os textos e as questões, focalizando as diferenças entre as estéticas romântica e realista/naturalista. Sistematize as conclusões dos alunos.

### Aspectos pedagógicos

Leia os dois textos motivadores, esclarecendo dúvidas de conteúdo e/ou de vocabulário. Aplique as questões e corrija-as junto aos alunos, retomando, se necessário, o quadro-síntese apresentado na Atividade Inicial.

### Atividade

Nas questões abaixo, você lerá dois fragmentos de romance, de épocas literárias diferentes. Antes, porém, traçaremos, num quadro sinóptico, as características das estéticas literárias que foram trabalhadas nesta unidade: Romantismo e Realismo/Naturalismo.

<b>ROMANTISMO (visão idealizada do homem)</b>	<b>REALISMO (visão biológica do homem)</b>	<b>NATURALISMO (visão patológica do homem)</b>
Subjetivismo	Objetivismo	Objetivismo científico
Descrições e adjetivações bem idealizadas, voltadas a elevar idealisticamente o objeto descrito.	Descrições e adjetivação objetivas, voltadas a captar a realidade como ela é.	Descrições e adjetivação, voltadas a captar as patologias sociais, com ênfase nos aspectos grotescos e repulsivos da vida.
Mulher idealizada, angelical, pura e perfeita.	Mulher real, com defeitos e qualidades.	Mulher real, com defeitos e qualidades; sensual.
Amor puro, sublime, acima de qualquer interesse.	Amor e demais sentimentos subordinados aos interesses sociais; amor carnal.	Amor e demais sentimentos subordinados aos interesses sociais; amor carnal.
Casamento com a finalidade de relacionamento amoroso.	Casamento como instituição falida; contrato de interesses e conveniências.	Casamento como instituição falida; contrato de interesses e conveniências; despreocupação com a moral.
Herói íntegro, de caráter nobre e irrepreensível.	Herói problemático, com fraquezas, manias e incertezas.	Herói problemático, com fraquezas, manias e incertezas; exploração do homem pelo homem; animalesco e sensual.
Personagens com pensamentos e ações previsíveis.	Personagens trabalhadas psicologicamente; são tipos concretos e vivos; hipócritas, mentirosos e cínicos.	Personagens trabalhadas patologicamente; são tipos concretos e vivos; grotescos e doentios.
Individualismo, culto do eu.	Universalismo.	Universalismo. Determinismo.
Narrativa de aventura e de ação.	Narrativa lenta, em tempo cronológico; preocupação com minúcias.	Narrativa lenta, em tempo cronológico; preocupação com a ação, com minúcias.

## ROMANCE 1

### SENHORA – Capítulo IX

Tornemos à câmara nupcial, onde se representa a primeira cena do drama original, de que apenas conhecemos o prólogo.

Os dois atores ainda conservam a mesma posição em que os deixamos. Fernando Seixas, obedecendo automaticamente Aurélia, sentara-se e fitava a moça com um olhar estupefato. A moça arrastou a cadeira e colocou-se em face do marido, cujas faces crestava

o seu hálito abrasado.

– Não careço dizer-lhe que amor foi o meu, e que adoração lhe votou minha alma desde o primeiro momento em que o encontrei. Sabe o senhor, e se o ignora, sua presença

aqui nesta ocasião já lhe revelou. Para que uma mulher sacrifique assim todo seu futuro, como eu fiz, é preciso que a existência se tornasse para ela um deserto, onde não resta senão o cadáver do homem que a assolou para sempre.

Aurélia calçou a mão sobre o seio para comprimir a emoção que a ia dominando.

– O senhor não retribuiu meu amor e nem o compreendeu. Supôs que eu lhe dava apenas a preferência entre outros namorados, e o escolhia para herói de meus romances, até aparecer algum casamento, que o senhor, moço, honesto, estimaria para colher à sombra o fruto de suas flores poéticas. [...]

Seixas abaixou a cabeça.

– Conheci que não amava-me, como eu desejava e merecia ser amada. Mas não era

sua a culpa e só minha que não soube inspirar-lhe a paixão que eu sentia. Mais tarde, o senhor retirou-me essa mesma afeição com que me consolava e transportou-a para outra, em quem não podia encontrar o que eu lhe dera, um coração virgem e cheio de paixão com que o adorava. Entretanto, ainda tive forças para perdoar-lhe e amá-lo.

A moça agitou então a fronte com uma vibração altiva:

– Mas o senhor não me abandonou pelo amor de Adelaide e sim pelo seu dote, um mesquinho dote de trinta mil cruzeiros! Eis o que não tinha o direito de fazer, e que jamais lhe podia perdoar! Desprezasse-me embora, mas não descesse da altura em que o havia colocado dentro de minha alma. Eu tinha um ídolo; o senhor abateu-o de seu pedestal, e atirou-o no pó. Essa degradação do homem a quem eu adorava, eis o seu crime; **a sociedade não tem leis para puni-lo**, mas há um remorso para ele. Não se assassina assim um coração que Deus criou para amar, incutindo-lhe a descrença e o ódio.

Seixas, que tinha curvado a fronte, ergueu-a de novo, e fitou os olhos na moça. Conservava ainda as feições contraídas e gotas de suor borbulhavam na raiz dos seus belos cabelos negros.

– A riqueza que Deus me concedeu chegou já tarde; nem ao menos permitiu-me o prazer da ilusão, que têm as mulheres enganadas. Quando a recebi, já conhecia o mundo e

suas misérias; já sabia que a moça rica é um arranjo e não uma esposa; pois bem, disse eu, essa riqueza servirá para dar-me a única satisfação que ainda posso ter nesse mundo. Mostrar a esse homem que não soube me compreender, que mulher o amava, e que alma perdeu. Entretanto ainda eu afagava uma esperança. Se ele recusa nobremente a proposta aviltante, eu irei lançar-me a seus pés. Suplicar-lhe-ei que aceite a minha riqueza, que a dissipe se quiser; consinta-me que eu o ame. Esta última consolação, o senhor a arrebatou.

Que me restava? Outrora atava-se o cadáver ao homicida, para expiação da culpa; o senhor matou-me o coração; era justo que o prendesse ao despojo de sua vítima. Mas não

desespere, o suplício não pode ser longo: este constante martírio a que estamos condenados acabará por extinguir-me o último alento; o senhor ficará livre e rico.

Proferidas as últimas palavras com um acento indefinível de irrisão, a moça tirou o papel que trazia passado à cinta, e abriu-o diante dos olhos de Seixas. Era um cheque de oitenta mil cruzeiros sobre o Banco do Brasil.

– É tempo de concluir o mercado. Dos cem mil cruzeiros, em que o senhor avaliou-se, já recebeu vinte mil; aqui tem os oitenta mil que lhe faltavam. Estamos quites, e posso chamá-lo meu; meu marido, pois é este o nome de convenção.

[...] Seixas permaneceu imóvel como uma estátua; apenas duas plicas profundas sulcaram-lhe as faces desde o canto dos olhos até a comissura dos lábios. Afinal o papel escapou-lhe dos dedos trêmulos da moça e caiu sobre o tapete aos pés de Fernando.

Seguiu-se um momento de silêncio ou, antes, de estupor. [...]

Aurélia soltou dos lábios um estrídulo, antes do que um sorriso.

– Agora podemos continuar nossa comédia, para divertir-nos. É melhor do que estarmos aqui mudos em face um do outro. Tome a sua posição, meu marido; ajoelhe-se aqui a meus pés, e venha dar-me seu primeiro beijo de amor... Porque o senhor ama-me, não é verdade, e nunca amou outra mulher senão a mim?...

Seixas ergueu-se; a sua voz afinal desprende-se dos lábios com calma, porém fremente:

– Não; não a amo.

– Ah!

– É verdade que a amei; mas a senhora acaba de esmagar a seus pés esse amor; aí fica ele para sempre sepultado na abjeção a que o arremessou. Eu só a amaria agora, se a quisesse insultar; pois que maior afronta pode fazer uma senhora, um miserável, do que marcando-a com o estigma de sua paixão. Mas fique tranquila; ainda quando me dominasse a cólera, que não sinto, há uma vingança que não teria forças para exercer; é essa de amá-la.

Aurélia ergueu-se impetuosamente.

– Então enganei-me? Exclamou a moça com estranho arrebatamento. O senhor ama-me sinceramente e não se casou comigo por interesse?

Seixas demorou um instante a olhar no semblante da moça, que estava suspensa de seus lábios, para beber-lhe as palavras:

– Não, senhora, não enganou-se, disse afinal com o mesmo tom frio e inflexível. Vendi-me; pertenco-lhe. A senhora teve o mau gosto de comprar um marido aviltado; aqui o tem como o desejou. Podia ter feito de um caráter, talvez gasto pela educação, um homem de bem que se enobrecesse com sua afeição; preferiu um escravo branco; estava em seu direito, pagava com seu dinheiro, e pagava generosamente. Esse escravo aqui o tem; é seu marido, porém nada mais do que seu marido!

[...]

(ALENCAR, José de. **Senhora**. Disponível em: <http://www.elivros-gratis.net/livros-gratis-jose-de-alencar.asp>).

## QUESTÕES SOBRE SENHORA:

1. Aurélia acusa Fernando de cometer um “crime” e lhe diz: “a sociedade não tem leis para puni-lo”. Qual foi o crime cometido por Fernando e por que a sociedade não lhe pune?

2. Em *Senhora*, temos uma crítica social denunciando a comercialização do amor e do casamento nas classes altas. Indique uma passagem do texto que confirma a assertiva. Justifique sua resposta.
3. Que visão tipicamente romântica caracteriza a percepção que Aurélia tem do amor?

## ROMANCE 2:

### O CORTIÇO

[...] Jerônimo levantou-se, quase que maquinalmente, e seguido por Piedade, aproximou-se da grande roda que se formara em torno dos dois mulatos. [...]

E viu a Rita Baiana, que fora trocar o vestido por uma saia, surgir de ombros e braços nus, para dançar. [...]

Ela saltou em meio da roda, com os braços na cintura, rebolando as ilhargas e bamboleando a cabeça, ora para a esquerda, ora para a direita, como numa sofreguidão de gozo carnal, num requebrado luxurioso que a punha ofegante; já correndo de barriga empinada; já recuando de braços estendidos, a tremer toda, como se se fosse afundando num prazer grosso que nem azeite, em que se não toma pé e nunca se encontra fundo. Depois, como se voltasse à vida, soltava um gemido prolongado, estalando os dedos no ar e vergando as pernas, descendo, subindo, sem nunca parar com os quadris, e em seguida sapateava, miúdo e cerrado freneticamente, erguendo e abaixando os braços, que dobrava, ora um, ora outro, sobre a nuca, enquanto a carne lhe fervia toda, fibra por fibra titilando. [...]

O chorado arrastava-os a todos [...]. Mas, ninguém como a Rita; só ela, só aquele demônio, tinha o mágico segredo daqueles movimentos de cobra amaldiçoada; aqueles requebros que não podiam ser sem o cheiro que a mulata soltava de si e sem aquela voz doce, quebrada, harmoniosa, arrogante, meigasuplicante.

E Jerônimo via e escutava, sentindo ir-se-lhe toda a alma pelos olhos enamorados.

Naquela mulata estava o grande mistério, a síntese das impressões que ele recebeu chegando aqui: ela era a luz ardente do meio-dia; ela era o calor vermelho das sextas da fazenda; era o aroma quente dos trevos e das baunilhas, que o atordoara nas matas brasileiras; era a palmeira virginal e esquiva que se não torce a nenhuma outra planta; era o veneno e era o açúcar gostoso; era o sapoti mais doce que o mel e era a castanha do caju, que abre feridas com o seu azeite de fogo; ela era a cobra verde e traiçoeira, a lagarta viscosa, a muriçoca doida, que se esvoaçava havia muito tempo em torno do corpo dele, assanhando-lhe os desejos, acordando-lhe as fibras embambecidas pela saudade da terra, picando-lhe as artérias, para lhe cuspir dentro do sangue uma centelha daquele amor setentrional, uma nota daquela música feita de gemidos de prazer, uma larva daquela nuvem de cantáridas<sup>1</sup> que zumbiam em torno da Rita Baiana e espalhavam-se pelo ar numa fosforescência afrodisíaca.

Isto era o que Jerônimo sentia, mas que o tonto não podia conceber. De todas as impressões daquele resto de domingo só lhe ficou no espírito o entorpecimento de uma desconhecida embriaguez, não de vinho, mas de mel chuchurreado<sup>2</sup> no cálice de flores americanas. [...]

[...]

Só deu por si, quando já pela madrugada, se calaram de todo os instrumentos e cada um dos folgadores se recolheu a casa.

E viu a Rita levada para o quarto pelo seu homem, que a arrastava pela cintura.

<sup>1</sup> insetos de coloração verde-dourada com reflexos avermelhados.

<sup>2</sup> ruidoso e demorado.

(AZEVEDO, Aluísio. **O cortiço**. 26. ed. São Paulo: Ática, 1994. p. 72-73.)

### QUESTÕES SOBRE O CORTIÇO:

1. Em que parágrafo o narrador mostra a sensualidade de Rita Baiana?
2. Considerando o fragmento lido, qual patologia (psicológica ou social) é representada? Justifique.
3. Comente a sensualidade intensa de Rita Baiana.

### QUESTÕES DE ANÁLISE COMPARATIVA:

1. Compare a temática amorosa desenvolvida na estética romântica com a da estética naturalista.
2. **(Unifor - CE)** Quando se compara o modo de apresentação de uma personagem feminina que protagoniza um romance romântico com o de uma personagem feminina que protagoniza um romance naturalista, nota-se logo a oposição entre, respectivamente:
  - a) uma condição idealizada e uma condição rudemente materializada.
  - b) uma linguagem descritiva e uma linguagem narrativa.
  - c) a ênfase no discurso direto e a ênfase no discurso indireto.
  - d) uma condição rudemente materializada e uma condição idealizada.
  - e) a ênfase no discurso indireto e a ênfase no discurso direto.

3. **(UFMG – MG)** No romance *Senhora*, ocorrem choques entre “duas almas, que uma fatalidade prendera, para arrojá-las uma contra a outra [...]”.

Assinale a alternativa em que o par de ideias conflitantes **não** se entrelaça, na narrativa, aos choques entre Aurélia e Seixas.

- a) amor idealizado X casamento por interesse
- b) condição modesta de vida X ostentação de riqueza
- c) contemplação religiosa X divertimento mundano
- d) qualidades morais elevadas X comportamentos aviltantes

**4. (UNIFESP-2007)** Leia o trecho de *O cortiço*, de Aluísio Azevedo, e responda aos itens A e B.

Jerônimo bebeu um bom trago de parati, mudou de roupa e deitou-se na cama de Rita.

— Vem pra cá... disse, um pouco rouco.

— Espera! espera! O café está quase pronto!

E ela só foi ter com ele, levando-lhe a chávena fumegante da perfumosa bebida que tinha sido a mensageira dos seus amores.

[...]

Depois, atirou fora a saia e, só de camisa, lançou-se contra o seu amado, num frenesi de desejo doído. Jerônimo, ao senti-la inteira nos seus braços; ao sentir na sua pele a carne quente daquela brasileira; ao sentir inundar-se o rosto e as espáduas, num eflúvio de baunilha e cumaru, a onda negra e fria da cabeleira da mulata; ao sentir esmagarem-se no seu largo e peludo colo de cavouqueiro os dois globos túmidos e macios, e nas suas coxas as coxas dela; sua alma derreteu-se, fervendo e borbulhando como um metal ao fogo, e saiu-lhe pela boca, pelos olhos, por todos os poros do corpo, escandescente, em brasa, queimando-lhe as próprias carnes e arrancando-lhe gemidos surdos, soluços irreprimíveis, que lhe sacudiam os membros, fibra por fibra, numa agonia extrema, sobrenatural, uma agonia de anjos violentados por diabos, entre a vermelhidão cruenta das labaredas do inferno. [...]

**A)** Pode-se afirmar que o enlace amoroso entre Jerônimo e Rita, próprio à visão naturalista, consiste:

- a) na condenação do sexo e consequente reafirmação dos preceitos morais.
- b) na apresentação dos instintos contidos, sem exploração da plena sexualidade.
- c) na apresentação do amor idealizado e revestido de certo erotismo.
- d) na descrição do ser humano sob a ótica do erótico e animalesco.
- e) na concepção de sexo como prática humana nobre e sublime.

**B)** O enlace amoroso, seja na perspectiva de Rita, seja na de Jerônimo:

- a) é sublimado, o que lhe confere caráter grotesco na obra.
- b) é desejado com intensidade e lhes aguça os ânimos.
- c) reproduz certo incômodo pelo tom de ritual que impõe.
- d) representa-lhes o pecado e a degradação como pessoa.
- e) é de sensualidade suave, pela não explicitação do ato.



## Respostas comentadas

### QUESTÕES SOBRE SENHORA:

1. O crime cometido por Fernando foi a comercialização do amor e do casamento, o que o fez degradar-se moralmente. A sociedade não considerava tal fato um crime; era uma conduta tolerável.
2. Como um trecho em que se denuncia a comercialização do amor e do casamento nas classes altas, pode-se citar:  
“Quando a recebi já conhecia o mundo e suas misérias; já sabia que a moça rica é um arranjo e não uma esposa [...]”, em que o casamento é visto como meio de ascensão social e enriquecimento.
3. Aurélia idealiza o amor como um sentimento puro, absoluto, não sendo passível de ser objeto de negociação nem de ser manchado por interesse avarento. Fingir que ama é desonroso. Corpo e alma devem estar interligados num amor puro. Essa é a visão romântica de Aurélia.

### QUESTÕES SOBRE O CORTIÇO:

1. A sensualidade da personagem é apresentada, principalmente, no terceiro parágrafo, em que se descreve sua dança sedutora.
2. O fragmento apresenta uma patologia social: a personagem vive num cortiço e, conforme é descrita, apresenta um processo de degradação moral e de animalização.
3. A sensualidade de Rita Baiana é inata (como se fosse própria da mulata faceira) e espontânea. O modo como dança seduz e estimula os desejos carnavais masculinos – o que reforça seu processo de animalização.

### QUESTÕES DE ANÁLISE COMPARATIVA:

1. A estética naturalista dá à temática amorosa um tratamento sensual e erótico, muito contrário ao sentimento romântico. O amor/ atração física é, de acordo com a visão naturalista, um dos fenômenos inerentes ao homem. Enquanto que no Romantismo, há a dualidade entre corpo e alma, a idealização do sentimento amoroso. O romance *Senhora* reproduz a cultura da época que via no matrimônio uma relação comercial, legitimada ou não pelo sentimento amoroso. Já em *O Cortiço*, derruba-se a ideia de que o amor predomina sobre todas as outras paixões; homens e mulheres são reais e o amor não se apresenta eterno e inatingível, como no Romantismo.

**2. Resposta: Letra (A).** No Romantismo, a mulher é apresentada de modo idealizado, enquanto no Naturalismo, a mulher é real, materializada. A questão pede o modo como a mulher é protagonizada no romance; portanto, não cabem respostas sobre discurso direto e indireto (letras c, e) e sobre a linguagem utilizada no romance (letra b).

**3. Resposta: Letra (C).** Em momento algum os conflitos entre Aurélia e Seixas giraram em torno do sagrado e do profano. As demais alternativas estão de acordo com a “fatalidade” que os prendera.

**A) Resposta: Letra (D).** Temos a exacerbação da sexualidade humana e a sua submissão ao determinismo biológico dos instintos, sendo estes próprios da visão naturalista, conforme mostra o texto: “pele”, “carne”, “globos túmidos e macios (seios)”, “coxas”, “boca”, “poros”, “gemidos”, “soluços irreprimíveis”, tudo isso remete ao campo semântico de um erotismo hiperbólico, que mostra a força do sexo e o apelo à sensualidade entre a mulata e o imigrante europeu. As demais alternativas não estão de acordo com as características deterministas empregadas no Naturalismo, ou seja, não há condenação ao sexo nem se reafirmam os preceitos morais (a); os instintos não são contidos e há a exploração plena da sexualidade (b); o amor é carnal (c); o sexo não é visto de forma nobre e sublime, mas faz parte da condição carnal do homem (e).

**Resposta: Letra (B).** é desejado com intensidade e lhes aguça os ânimos. Temos o desejo sexual explícito e o dos atos amorosos intensificados por comparações hiperbólicas, como: “um metal ao fogo”, “escandescente”, “em brasa”, “agonia extrema”. As demais alternativas não correspondem às descrições apresentadas no texto, em relação à união dos dois amantes. O enlace amoroso não se apresenta de modo grotesco (a); não há incômodo algum na relação amorosa entre os amantes (c). Embora se afirme que há “uma agonia de anjos violentados por diabos, entre a vermelhidão cruenta das labaredas do inferno”, isso não mostra que os amantes estejam preocupados com a moral, mas intensifica o tom realista do ato (d). A sensualidade não se apresenta de modo suave, pois há expressões que claramente mostram o momento animalesco vivido pelos amantes (“... queimando-lhe as próprias carnes e arrancando-lhe gemidos surdos, soluços irreprimíveis, que lhe sacudiam os membros, fibra por fibra, numa agonia extrema, sobrenatural”) (e).